

# FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

PUBLICADO DESDE 1921 - PROPRIEDADE DA EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A.

**Presidente:** LUIZ FRIAS  
**Diretor Editorial:** OTAVIO FRIAS FILHO  
**Superintendentes:** ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO  
**Editor-executivo:** SÉRGIO DÁVILA  
**Conselho Editorial:** ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, MARCELO COLLIHO, JANIUS DE FREITAS, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HEITOR CONY, GILSON PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)  
**Diretor-executivo:** MARCELO BIANZ (comercial), MURILLO RUSSAR (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (finanças) E EDUARDO ALCARO (planejamento e novos negócios)

## EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

### A ameaça do imposto

Henrique Meirelles já fala em aumentar tributos, ainda que só no intuito de pressionar Congresso a aprovar teto para crescimento de despesas

A recessão de que o país luta para sair, a situação medonha das contas estatais e a escalada do desemprego fazem latejar no limiar do suportável o nervo exposto da carga tributária. Não há a menor tolerância, na sociedade, com hipótese de novos ou maiores tributos. O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, pressionou de forma intencional o ponto nevrálgico na entrevista que esta *Folha* publicou segunda-feira (25). Em tom de ameaça, disse que não haverá alternativa a aumentar impostos caso o Congresso rejeite emenda constitucional que fixa a inflação do ano anterior como teto para o crescimento da despesa pública.

A dicotomia, entretanto, poderá revelar-se falsa e evidenciando que o ministro não fora de todo franco ao brandi-la. O mais provável, na situação presente de desequilíbrio fiscal, é que o Planalto venha a necessitar de ambos os instrumentos — cortar gastos, com ou sem teto, e ainda elevar tributos — para romper o nó górdico que estrangula a economia brasileira.

A limitação ao crescimento da despesa, se vier, produzirá efeitos apenas de 2018 em diante. Antes haverá que fechar as contas de 2017, e o próprio Meirelles admite a possibilidade de aumentos pon-

tuais de impostos para cumprir a meta de manter o déficit em R\$ 139 bilhões no ano que vem.

A decisão, diz a Fazenda, virá até o fim de agosto, quando o governo deve apresentar a lei orçamentária para 2017. Parece contar com receitas incertas da repatriação de recursos no exterior e de concessões de infraestrutura a iniciativa privada para afastar o abalo que um aumento de impostos traria à expectativa com o governo provisório de Michel Temer (PMDB). Até aqui, a política econômica aparenta estar mais voltada a assegurar estabilidade política ao presidente interino do que a um verdadeiro esforço pelo equilíbrio fiscal.

Em nome da transparência e do realismo, catapultaram-se para a estratosfera as previsões de déficit. Mas a medida serve também para acomodar todas as benesses que Temer vem prodigalizando às corporações públicas, com aumentos de despesas nos vários Poderes, e lançá-las na conta da presidente afastada, Dilma Rousseff (PT).

Agora intervenções cosméticas como reduzir o número de ministérios, nada de concreto se viu por ora em matéria de corte nos gastos. Meirelles argumenta que a trajetória de expansão da dívida pública só será interrompida com medidas de alcance estrutural, como o teto, criando assim condições para a queda sustentável da taxa de juros.

É fato. Mas caberia ser mais realista quanto à probabilidade de que elevar tributos também se mostre decisivo para chegar lá.

### Falhas olímpicas

O que deveria ser uma celebração começou com constrangimento. Eis o saldo da abertura, neste fim de semana, da Vila dos Atletas que abrigará os desportistas vindos para a Olimpíada do Rio.

Com a chegada das primeiras delegações nacionais surgiram também as queixas sobre as más condições de parte dos apartamentos.

A reclamação mais forte partiu da equipe australiana, que considerou inabitáveis os locais designados. Havia banheiros inoperantes, vazamentos, fiações elétricas expostas, falta de iluminação e sujeira. A chefe da delegação australiana declarou ser impossível os atletas do país ocuparem por ora seus alojamentos.

A seleção feminina de futebol da Suécia também postergou a entrada na vila. A exemplo dos australianos, hospeda-se em hotéis até que as falhas sejam sanadas.

Outros contingentes nacionais, incluindo o do Brasil, contrataram por conta própria profissionais para realizar obras de acabamento antes da chegada de seus atletas.

Diante das mazelas, a entidade organizadora da Rio-2016 criou uma força-tarefa com mais de 500 pessoas, que devem trabalhar sem interrupção para tentar concluir todos os reparos até quinta-feira (28).

Embora lamentáveis, as falhas não parecem ser generalizadas, co-

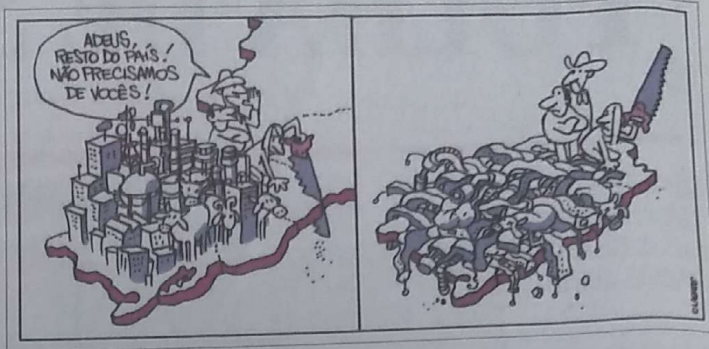
mo sugerem declarações elogiosas de outras delegações. Problemas no início, ademais, não são inócuos num empreendimento de tamanha magnitude.

Localizada em Jacarepaguá, a Vila dos Atletas é composta por 3.604 apartamentos em 31 edifícios de 17 andares. Durante os jogos, o complexo receberá até 17,9 mil desportistas e integrantes de equipes técnicas de 206 países.

Os problemas, é evidente, maculam a imagem dos Jogos no Rio. Ela já havia sido abalada pelo fracasso da meta de despoluição da baía de Guanabara, sede das competições de vela. Houve ainda a trágica queda de trecho da ciclovia na avenida Niemeyer, com dois mortos.

Também concorrem para isso, decerto, as declarações no mínimo desastrosas de autoridades brasileiras. Ao comentar a recusa da Austrália em ocupar seus apartamentos, o prefeito do Rio, Eduardo Paes (PMDB), disse que estava "quase botando um canguru na frente do prédio" do país, para que os atletas se sentissem em casa.

Não foi a primeira vez que o alcaide pecou pela inconveniência. Apesar de ele ter recuado após a repercussão da frase, sua atitude é incompreensível em quem responde pela sede dos Jogos e busca usar esse trampolim para alçar voos mais altos na política.



HÉLIO SCHWARTSMAN

### Campanhas franciscanas

**SÃO PAULO** - A eleição para prefeituras e câmaras municipais deste ano será atípica. Deveremos ter campanhas bem mais modestas que as verificadas em pleitos anteriores. São dois os motivos para o redimensionamento. O primeiro é a decisão do STF que banii doações de empresas. Em condições normais, esse tipo de medida teria eficácia parcial. Proibições raramente resultam no fim da atividade que se deseja banir. No mais das vezes, elas fazem com que a prática procure outros caminhos. No caso, seriam as doações de pessoas físicas, que continuam legais, ou o caixa dois. Não é do meu feito comprar pelo valor de face declarações de marqueteiros, mas acredi-to em João Santana quando diz que 98% das campanhas no Brasil usam caixa dois.

Este ano, porém, as coisas tendem a ser diferentes. A Lava Jato, nosso segundo motivo, não apenas faz com que autoridades fiquem muito mais atentas às doações como também colocou em sérias dificuldades

financeiras várias das empresas que tinham o hábito de despejar grandes somas em candidaturas.

Há razões, portanto, para acreditar que, desta vez, as campanhas terão mesmo de adequar-se a orçamentos franciscanos. E eu penso que isso é bom. É verdade que candidatos enfrentarão maior dificuldade para fazer-se conhecer pelo eleitor e para apresentar suas ideias. Os programas do horário gratuito também tenderão a ficar menos interessantes, o que talvez faça com que o cidadão vote com menos informação.

Apesar disso, acho que vale a pena tentar impor campanhas substancialmente mais baratas. Fazê-lo tende a diminuir a influência do poder econômico sobre políticos, o que me parece mais importante do que promover o tal de voto consciente, que não passa de uma quimera mesmo.

A má notícia é que em 2018 a conjugação de fatores que leva à seca de doações já deverá ter enfraquecido e as coisas estarão voltando ao normal.

helio@uol.com.br

MARCELO FREIXO

### Democracia e eleições

Democracia: o início, o fim e o meio. O caminho que precisamos percorrer para transformar o Brasil num país mais justo e igualitário começa e termina inevitavelmente no debate sobre nosso modelo de democracia.

Iniciei minha participação como colunista na *Folha* em 4 de agosto de 2015, com o artigo "Democracia dos excluídos". E assim, mais uma vez discutindo o assunto, suspendo minha colaboração para disputar a Prefeitura do Rio de Janeiro.

Falemos, então, sobre essa filha que ainda não veio e cujo parto já dura 28 anos. As complicações que tanto nos atrasam estão ligadas ao esgotamento do pacto estabelecido desde a redemocratização.

Pacto ancorado em alianças e negociações de cúpulas partidárias que transformaram o governo de coalizão em governo de extorsão, baseado no vale tudo dos acordos espúrios para construir maiorias e falsos consensos parlamentares.

Nesse grande campo de batalha, 2013, símbolo maior da crise de representatividade, aparece como paradoxo. Afinal, um ano depois das manifestações que tomaram as ruas do país, o Brasil elegeu o Congresso mais conservador desde a redemocratização.

Engana-se quem enxerga o resultado das urnas em 2014 como uma derrota dos sonhos alimentados um ano antes. A vitória de 2013 aconteceu e é mais política do que eleitoral. Ela vive na luta de estudantes, mulheres, negros e LGBTs por igualdade de direitos. Eis a sua importância e beleza.

A ocupação de escolas públicas no Rio e em São Paulo por milhares de estudantes, que estão reivindicando melhores condições para o sistema educacional e ressignificando as relações dentro do espaço escolar, são heranças de 2013. Os jovens obtiveram conquistas concretas no Rio, como a eleição direta para diretores dos colégios.

A discussão sobre política passou a ser central e a tomar todos os espaços, das ruas aos almoços familiares de domingo. Não se trata apenas de assuntos eleitorais e partidários, mas de temas que envolvem questões mais amplas no debate sobre cidadania, como o papel da educação e dos meios de comunicação, o direito das minorias e a reforma política.

Nenhum debate é impossível de acontecer. Recentemente, a *Folha* foi duramente criticada, inclusive por seus colunistas, por omitir dados de pesquisa do Datafolha sobre o atual governo. O jornal escondeu que 62% dos entrevistados são favoráveis a novas eleições sem Dilma e Temer renunciarem.

Dois mil e treze continua nos mostrando que a democracia não se restringe ao processo eleitoral. Nossos sonhos não cabem nas urnas. O que precisamos fazer é continuar lutando para que elas não nos provoquem pesadelos.

MARCELO FREIXO gosta de escrever nesta coluna porque vai disputar a prefeitura do Rio.

BERNARDO NELLO FRANCO

### Os opostos se atraem

**BRASÍLIA** - Há quatro meses, perguntaram ao vereador Andrea Matarazzo se ele deixaria de ser candidato a prefeito de São Paulo para apoiar a senadora Marta Suplicy. "É mas fácil uma vaca voar!", respondeu o ex-embaixador em Roma. A mimosa decolou nesta segunda (25). O ex-tucano será o vice da ex-petista, agora filiada ao PMDB.

A aliança escreve um novo capítulo na história de reviravoltas da política paulistana. Marta e Matarazzo sempre militaram em campos opostos. Ela entre os petistas, sob a liderança de Lula; ele com os tucanos, ao lado de Serra e FHC. Os dois passaram os últimos anos trocando farpas no palanque e nos jornais.

O cenário nacional pesou no acordo. Serra, atual ministro das Relações Exteriores, tenta recuperar força no PSDB de São Paulo. Está contrariado com a candidatura do novo João Dória, afilhado político de Geraldo Alckmin. Ao inflar a chapa de Marta, ele cria um problema para o escolhido do governador.

ALVARO COSTA E SILVA

### Agnaldo e os cangurus

**RIO DE JANEIRO** - Um amigo, que costuma caminhar no aterro do Flamengo e (reconheço) é dado a exageros, se sentiu dentro da cena de abertura de "O Resgate do Soldado Ryan", aqueles intensos 27 minutos com que Steven Spielberg retratou o ataque dos aliados à praia de Omaha, Normandia, no dia 6 de junho de 1944. Na realidade, ao fundo estava o Pão de Açúcar. É a Rio-2016.

O exercício militar na semana passada envolveu mais de mil fuzileiros, que simularam um cerco ao Monumento dos Pracinhas. Em outro treinamento, uma barca Rio-Niterói, com terroristas do fictício país da Bulgóvia, foi interceptada. (Bulgóvia? Se fosse numa comédia dos Irmãos Marx, seria um ótimo nome.)

Às vésperas da abertura da Olimpíada, o carioca tenta manter a rotina, ignorando a presença das Forças Armadas, mais de 22 mil homens com fuzis, tanques nas ruas e caças nos céus. Há quem se sinta mais seguro. Mas é inegável o desconfor-

to de andar num cenário lindo — dias feitos de azul — mas também de guerra, e saber que o perigo, invisível, pode estar logo ali na esquina.

Se o clima de paranoia, ampliado pelos atentados na Europa, não fosse suficientemente ruim, ainda temos de conviver com a autossabotagem: as péssimas instalações da Vila dos Atletas — sanitários entupidos, vazamento de pias, fiação exposta, tetos caídos, falta de luz — levaram a delegação da Austrália a procurar um hotel. Perfeito anfitrião, o prefeito Eduardo Paes fez uma piada boba, sobre recepcionistas cangurus.

Melhor deixar a brincadeira para quem é do ramo: a turma de boêmios que segue firme na campanha para fazer do Agnaldo, famoso garçom do Galeto Sal's, em Copacabana, o acendedor da pira. Sábado (30) acontece o "tour da tocha", por 12 bares no bairro. No fim do trajeto Agnaldo acenderá a churrasqueira e servirá coraçõezinhos de galinha.